

Cidades com maiores populações femininas registram baixo percentual de vereadoras eleitas

Os municípios do Brasil com maior proporção de mulheres são Santos (SP), Salvador (BA), São Caetano do Sul (SP), Niterói (RJ) e Aracaju (SE)

Por Roberto Malfacini* — Rio de Janeiro

O número de mulheres eleitas para as Câmaras Municipais aumentou em comparação com o pleito de 2020. São aproximadamente 10,6 mil vereadoras, o que equivale a 18,2% do total de vagas em todo o país, contra 16% há quatro anos. A baixa representatividade, apesar da alta recente na quantidade de candidatas vitoriosas, se repete nas cidades com as maiores populações femininas proporcionais: nenhuma delas conta com sequer um terço de parlamentares mulheres.

Os municípios com maior proporção feminina do Brasil são Santos (SP), Salvador (BA), São Caetano do Sul (SP), Niterói (RJ) e Aracaju (SE). A predominância das eleitoras, porém, não significa uma menor disparidade na composição das casas legislativas.

Santos, localizada no litoral do estado de São Paulo, é a cidade com o maior percentual de mulheres entre seus habitantes. Dos 418.608 moradores, 228.881 (54,68%) são do gênero feminino, segundo o último Censo do IBGE. No entanto, das 21 cadeiras da Câmara Municipal, apenas duas (menos de 10%) serão ocupadas por mulheres, uma a menos do que na legislatura atual. Débora Camilo, do PSOL, garantiu a reeleição, sendo a candidata mais votada, com 8.016 votos. A outra eleita é Renata Bravo (PSD), ex-vice-prefeita e primeira secretária da Mulher da cidade, que obteve 4.359 votos, ficando em sétimo lugar.

Já a capital da Bahia, Salvador, possui atualmente uma população de mais de 2 milhões de habitantes, sendo 1,3 milhão de mulheres (54,4%). A Câmara Municipal é composta por 43 vereadores e, entre os eleitos, apenas oito são mulheres. Destas, seis foram reeleitas: Roberta Caires (PDT), com 16.517 votos; Marta

Rodrigues (PT), com 13.840; Débora Santana (PDT), com 13.137; Marcelle Moraes (União), com 9.997; Ireuda Silva (Republicanos), com 9.725; e Cris Correia (PSDB), com 9.130 votos. As novatas são Eliete Paraguassu (PSOL), com 8.479 votos, e Aladilce (PC do B), com 8.514.

Localizada no norte do ABC Paulista, São Caetano do Sul elegeu apenas uma vereadora para a próxima legislatura. Bruna Biondi, a mais votada no município com 5.848 votos, representa a candidatura coletiva "Mulheres Por Mais Direitos". Reeleita, ela será a única mulher na Câmara Municipal. São Caetano é a terceira cidade do Brasil em maioria feminina, com 84.234 mulheres, o que corresponde a aproximadamente 54,32% dos habitantes.

Em Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro com a maior proporção de mulheres (54,19% da população), apenas duas candidatas garantiram uma vaga na Câmara Municipal. Benny Briolly (PSOL), única mulher da atual legislatura, foi reeleita com 4.801 votos, ocupando o nono lugar entre os mais votados. Fernanda Louback (PL), que obteve 3.503 votos, foi eleita pela distribuição das vagas restantes com base na média de votos do seu partido. O estado do Rio de Janeiro teve a menor proporção de mulheres eleitas vereadoras no país nestas eleições.

Quinto município da lista, Aracaju tem 54,11% de sua população formada por mulheres. Nas eleições de 2024, a capital de Sergipe elegeu quatro candidatas para o Legislativo. Moana Valadares (PL), a mulher mais votada da história da cidade, conquistou 7.216 votos, ficando em terceiro lugar no pleito. Além dela, foram eleitas Professora Sônia Meire (PSOL), com 4.391 votos; Selma França (PSD), com 3.718 votos; e Thannata da Equoterapia (Mobiliza), com 2.271 votos.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Aracaju foi a capital com mais candidatas mulheres disputando a prefeitura, cinco no total. Entre os concorrentes ao segundo turno está Emília Correia (PL), que recebeu 41,62% dos votos. Ela enfrentará Luiz Roberto (PDT).

Autora do livro "Princesas de Maquiavel — Por mais mulheres na política", a cientista política Juliana Fratini avalia que um dificultador para a presença feminina mais ampla na política, mesmo em municípios onde o gênero está em maioria, é a "falta de autonomia" sobre o uso dos recursos recebidos pelas siglas.

— O partido tende a investir mais recursos em candidatos que considera com maior probabilidade de vencer — diz Fratini. — O que, em um ambiente majoritariamente masculino, cria uma dinâmica onde as mulheres, muitas vezes, são preteridas.

Para a cientista política, quando as candidatas recebem um apoio adequado, elas têm uma maior condição de se destacar nas campanhas. Ela considera que o sucesso é uma "questão de onde o partido investe energia e recursos".

— As mulheres enfrentam diferentes formas de violência política, incluindo assédio, onde colegas pedem votos para si em vez de apoiá-las — pontua. — Muitas famílias também não entendem o papel da mulher na política, o que gera um dilema para elas, que precisam escolher entre suas atividades políticas e suas responsabilidades familiares, aumentando a pressão.

Já Flávia Bozza, pesquisadora do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Iesp-Uerj), avalia que há uma "pirâmide de barreiras" dentro dos partidos, o que dificulta a ascensão das mulheres na política. Elas teriam que enfrentar primeiramente a dificuldade para se filiar, depois a de concorrer um cargo, e, o que para Bozza seria o mais difícil, transformar a sua candidatura em uma postulação competitiva.

— A necessidade de se provar competente e enfrentar a violência torna o processo de candidatar-se mais penoso para elas do que para os homens — afirma. — Mulheres enfrentam assédio moral e sexual, precisam se provar constantemente e ainda são vistas como candidaturas "alternativas", não prioritárias.

Flávia complementa dizendo que não é que o eleitorado "deliberadamente não vota em mulheres", mas o sistema não favorece a "expansão de possibilidades para essas candidaturas". Sem incentivos claros, como apoio financeiro e proteção contra a violência, não há "interesse político em mudar essa lógica" e ampliar a participação feminina.

— A trajetória política de mulheres mostra o que elas enfrentam no mercado de trabalho. — lembra Bozza. — Quanto mais elas sobem de cargo, mais difícil se torna, pois a relevância das posições aumenta.

(*estagiário sob a supervisão de Cibelle Brito)

<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/10/cidades-com-maiores-populacoes-femininas-registram-baixo-percentual-de-vereadoras-eleitas.ghtml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Eleições 2024